

João Baptista da Silva Guimarães

N.º 4

CONTAGIO DO SARAMPO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



PORTO
TYPOGRAPHIA POPULAR

76, Rua de Santo André, 78

—
1897

90/4 E.H.C

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

CONSELHEIRO-DIRECTOR

DR. WENCESLAU DE LIMA

SECRETARIO

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO DOCENTE

Professores proprietarios

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva Geral	Os Ill. ^{mos} Ex. ^{mos} Snrs. João Pereira Dias Lebre. Antonio Placido da Costa.
2. ^a Cadeira—Physiologia	
3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illydio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas. Eduardo Pereira Pimenta.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria.	
6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro. Antonio d'Azevedo Maia.
8. ^a Cadeira—Clinica medica.	Candido Augusto Correia de Pinho.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica	
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica	Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia	Ricardo d'Almeida Jorge.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semiologia e historia medica.	Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
Pharmacia	Nuno Dias Salgueiro.

Professores jubilados

Secção medica	{ José d'Andrade Gramaxo. Dr. José Carlos Lopes.
Secção cirurgica	Pedro Augusto Dias.

Professores substitutos

Secção medica	{ João Lopes da Silva Martins Junior. Alberto Pereira d'Aguaiar.
Secção cirurgica	{ Roberto Belarm'no do Rosario Frias. Clemente Pinto.

Demonstrador de Anatomia

Secção cirurgica	Carlos Alberto de Lima.
----------------------------	-------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 d'abril de 1840, art. 155.^o).

A meus paes

A MEUS IRMÃOS

A MINHA IRMÃ E AFILHADA

Maria de Sant'Anna Monteiro Guimarães

A MEUS PRIMOS

Anselmo Martins Vieira Izidro

João Manoel Gonçalves

Martinho José d'Amorim Junior

A TODOS OS MEUS

AOS MEUS CONDISCIPULOS

E EM ESPECIAL A

Alberio Jorge Guimarães

Antonia Henriques

Augusta Cardia Pires

Custodia da Conceição Pinto

Diocleciano Dias Peixoto

João Fernandes da Silva Leão

João Severo Duarte da Silveira

Luiz Alves Simões

Aos meus contemporaneos

AOS MEUS AMIGOS

E EM ESPECIAL A

Agostinho Dias de Castro

Annibal Ignacio da Costa

Antonio da Cunha Tamegão

Eduardo de Castro

Francisco d'Araujo Castro Coutinho

João de Souza Cabral

Foaquim José da Costa

José Coelho dos Santos

Dr. José de Jesus Foaquim d'Araujo

José Foaquim Pereira

Dr. José Foaquim Pereira dos Santos Motta

José Maria Mendes Fragôso

Manoel Antonio Veiga

Manoel Augusto Teixeira d'Assis

Manoel Lopes Pereira.

Dr. Samuel da Conceição Fernandes Cruz.

AOS MEUS BONS AMIGOS

Dr. Antonio Augusto Lopes Cardoso

Manoel de Sousa Pereira

João Pinto Soares de Vasconcellos

Forge de Menezes Vieira Coelho

E A SUAS EX.^{mas} FAMILIAS.

AOS MEUS AMIGOS

Alfredo Augusto Pereira

Bento Augusto de Moraes Sarmiento

José Antunes Ferreira

e a suas Ex.^{mas} esposas

AO MEU AMIGO

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

Dr. Joaquim Augusto de Mattos

Offerecer-vos hoje este insignificante
trabalho em nada compensa o que por
mim tendes feito.

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SNR.

Dr. José Carlos Lopes

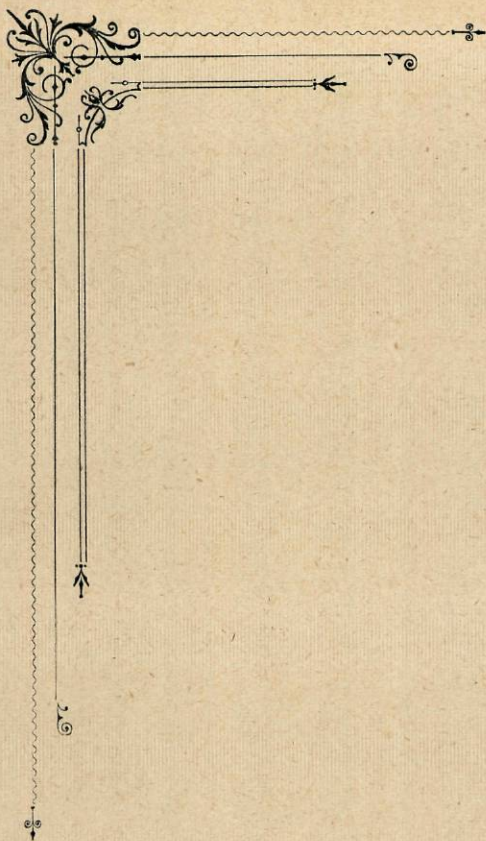
A vossa bella alma tornou-vos
credor da minha estima.

AO MEU ILLUSTRE PRESIDENTE

O ILL.^{MO} E EX.^{MO} SNR.

Dr. Maximiano A. d'Oliveira Lemos

O discipulo reconhecido.



A minha these não é um trabalho de valor ; mas sim um trabalho insignificante escripto durante uma convalescença.

Se me atrevo a dar-lhe publicidade é por uma imposição de lei.

Ao illustradissimo jury que tem de julgal-o pede toda a benevolencia o

Auctor.

INTRODUÇÃO

O sarampo é extremamente contagioso.

Para demonstrar a sua contagiosidade bastaria dizer que se admitte sem contestação, actualmente, que todo o sarampo nasce d'um caso anterior da mesma affecção e que esta doença não se desenvolve nunca espontaneamente ou sob a influencia de causas banaes.

Poderia, com o mesmo fim, citar as inoculações tentadas já com successo por Home, 1758, Speranza, 1822, Monro e Looke e por Michael de Katona, 1843, que demonstram as propriedades contagiosas do sangue e sobretudo das secreções nasaes, bronchicas e occulares e pôr a par mesmo dos resultados de experimentação os confirmados pela clinica, que nos revelam, como veremos mais longe, que a contagiosidade do sarampo apparece com o catarrho das vias lacrimaes e naso-bronchicas, para cessar com o periodo da erupção. Mas não tenho em vista apresentar aqui um estudo completo sob o contagio do sarampo e por isso até das experiencias bacteriologicas, relativas ao contagio morbillôso, sómente direi: — o bacillo descripto por Canon e Pielicke foi contestado como agente especifico; as monadinias de *Klebs* não se poderam cultivar e dos micrococcus que *Babés*, encontrou nos productos de secreção e nos alveolos pulmonares

dos infectados, é impossivel dizer se actuam como microbios indifferentes ou realmente pathogenicos.

O que mais nos interessa é saber qual o periodo contagiôso do sarampo, o modo de transmissão d'esta affecção e a duração do seu periodo de incubação que sob o ponto de vista prophylactico desempenham um papel de grande importancia.

PERIODO CONTAGIOSO DO SARAMPO

O conhecimento da epocha em que o sarampo começa a tornar-se coniaçioso, bem como aquella em que deixa de o ser, apresenta uma importancia clinica consideravel: — permite applicar em tempo conveniente as medidas de prophylaxia e evitar o isolamento prolongado e desnecessario dos convalescentes.

Até Panum, julgava-se que o periodo de contagiosidade do sarampo era somente o da descamação. Foi elle que apresentou o primeiro trabalho sobre a contagiosidade d'esta doença e demonstrou alem d'isso que o seu poder contagiôso existia desde o começo do periodo da erupção e durante a duração do exanthema e que era duvidoso nos estados de catarrho e de descamação.

Diz elle:

«S'il est admis en principe que l'incubation est de 13 à 14 jours, si d'autre part des exemples imposants par leur nombre et leur authenticité prouvent qu'habituellement il s'est écoulé

juste 13 ou 14 jours entre les premiers symptômes de l'éruption chez un malade et l'apparition de l'exanthème chez ceux auxquels il a communiqué la maladie, n'est-il pas évident que la contagion a eu lieu à la période d'efflorescence. On est au moins en droit de conclure qu'elle n'est pas contagieuse tant qu'elle reste à l'état latent.

«L'est-elle à la période des prodromes ?

«Sans connaître de faits qui démontrent la possibilité de la transmission durant les simples accidents catarrhaux, je ne serai pas en mesure d'établir le contraire.

«On croit assez généralement que la rougeole est surtout contagieuse pendant la desquamation. Sur quelle base repose cette croyance ? Je ne saurais le dire ; quant à moi, je n'ai pas vu un seul cas de nature à me convaincre que la contagion ait lieu pendant la desquamation. La transmission, en tenant pour constante la durée que j'ai assignée à la incubation, s'est presque toujours, sinon toujours, fait à l'époque où les boutons se développent. Jamais dans les faits d'ont j'ai été témoin un individu n'a été atteint plus de 14 jours après que l'exanthème avait disparu chez les malades qui avaient pu l'infecter.»

Em 1860, Mayr, da Allemanha, apresenta-se a demonstrar que o poder contagiôso do sarampo se manifesta desde o periodo da invasão. Como prova publica uma observação de transmissão do sarampo no periodo prodromico dois dias antes da erupção.

Eis a observação :

«Em setembro de 1851 uma creança atacada de symptomas e tarrhaes bem nitidos, mas sem apresentar erupção, foi com seus paes a um lugar, 2 milhas distante de Vienna. N'este lugar

nenhum caso de sarampo se tinha manifestado até então. Permaneceram ali um dia sómente, durante o qual a creança esteve *em contacto com um filho d'um amigo de seus paes d'idade de 4 annos*. No segundo dia, depois de regressar a Vienna, apparece á primeira creança uma erupção e 15 dias depois a outra foi tambem atacada da mesma doença.»

Mayr, fundando-se n'esta observação admitte que as creanças affectadas de sarampo que se encontrem reunidas a outras, durante o estado prodromico, antes que a erupção se tenha feito lhes communicam esta doença, mesmo que se affastem desde a primeira appareção do exanthe-
ma. Este modo de ver, tambem confirmado pela observação de Mayr, parece não ter feito epoca scientifica, por isso que cinco annos depois M. Girard, de Marselha, apresenta as proposições seguintes :

- 1.^a—A transmissão das febres eruptivas faz-se desde o primeiro dia até que appareça a febre d'invasão.
- 2.^a—Passado o periodo d'invasão o contagio já não tem lugar, d'onde a inutilidade das quarentenas tão longas impostas aos convalescentes.

M. Girard nega d'um modo absoluto o contagio durante o estado eruptivo ; mas este modo de ver está muito affastado do campo da verdade, pois que a sua contagiosidade está nitidamente demonstrada por varios casos observados nas salas dos hospitaes, até então indemnes, logo em seguida á entrada de uma creança em pleno estado eruptivo.

H. Roger, affirma que as febres eruptivas podem ser contagiosas desde o primeiro dia do periodo febril, antes da erupção, e cita como prova o seguinte facto que observou na sua clientella: «uma creança que apresentava sómente os prodromos do sarampo contagiou no espaço de algumas horas tres primos que a visitaram». Esta observação vinha confirmar o exemplo unico, citado por Girard: «Je fus appelé, dit M. Girard, il y a deux ans, dans un pensionnat pour un enfant de 10 ans. Le maitre de pension me reconta que depuis le matin cet enfant avait passé le matinée avec ses camarades et qu'il venait d'être mis au lit. Le dortoir de la pension était au deuxième étage et la chambre dans laquelle cet enfant était couché était au quatrième. Je trouvai cet enfant avec une fièvre assez vive, une toux très forte et bruyante, les yeux brillants, en un mot, avec les prodromes de la rougeole, mais sans éruption. Le lendemain, l'éruption était faite; le maitre de pension, craignant l'invasion de la maladie dans sa maison, établit la plus rigoureuse quarantaine autour de ce petit malade; treize jours après, cependant, neuf enfants furent atteints en même temps de la même maladie».

Em 1869, Girard novamente se apresenta a afirmar, mas d'um modo positivo, que o sarampo é contagioso antes da erupção e parece admitir a transmissibilidade do sarampo no periodo de erupção.

Os dados para esta nova communicação foram-lhe fornecidos por uma epidemia que reinou em Marselha desde o mez de fevereiro ao mez de junho.

Diz Girard: — «Je pu dans cette épidémie réunir 108 cas, tous observés avec soin et en re-

cherchant la filiation de chaque fait. Tous mes malades ont un contact plus ou moins prolongé avec un malade atteint de rougeole ou l'ayant eu le lendemain ou contact. La rougeole peut donc se transmettre au début et même pendant l'invasion. Sans lier la transmission à une époque plus avancée, elle doit être rare et ne peut être admise que quand on a suivi avec soin la filiation des faits et acquis la conviction qu'il n'y a pas eu d'autre contact».

Em 1872, Dumas, de Cêtte, publica uma memoria sobre o contagio do sarampo durante o periodo de invasão. N'este trabalho, diz que, depois de ter estado um anno sem vêr em Cêtte um unico caso de sarampo, pôde surprehender o começo d'uma epidemia cujo germen tinha vindo de fóra e seguir a sua evolução e propagação. Esta epidemia limitou-se a quatro familias . . 12 creanças que não tiveram senão o contacto de algumas horas com rubeolosos foram attingidas, 10 tiveram contacto com rubeolosos sómente durante o periodo prodromico, e as duas outras tiveram contacto com rubeolosos no primeiro dia da erupção.

No entanto Dumas declara que embora para si seja evidente a transmissão desde o começo da febre d'invasão, não se julga comtudo auctorizado a negar que se não possa produzir mais tarde.

Em 1873 M. Lancereaux apresenta dois casos de sua observação, com que tenta demonstrar a transmissão do sarampo desde o começo do periodo de invasão:

1.º—Uma creança vai passar a noite de 23 de dezembro de 1872 em companhia de duas outras

creanças. No dia seguinte apresenta uma erupção rubeolica que a 4 de janeiro apparece n'um dos seus companheiros e a 6 no outro.

- 2.^o—Uma creança de 8 annos apresenta a 8 de fevereiro de 1873 mal estar e coryza ligeira. A 9 passa a noite em casa d'um tio e a 10 apparece a erupção rubeolica. A 22 e a 25 de fevereiro os dois primos com quem tinha brincado em 9 de fevereiro mostram successivamente o começo de uma erupção caracteristica.

Em 1876 Dumas apresenta á Sociedade Medico-Pratica 15 observações novas nas quaes 11 vezes o contagio se fez durante a invasão.

Mantem as conclusões do seu primeiro trabalho e declara que o sarampo é emminente-mente contagioso no periodo d'invasão, mesmo que as creanças nenhumas perturbações revellem de incommodo. Alem d'isto diz parecer-lhe que o agente contagioso tem provavelmente a sua origem na superficie das mucosas palpebral, nazal e bronchica, visto que são attingidas desde o começo d'um catarrho sui-generis. Não lhe parece que o sarampo seja contagioso em todos os seus periodos e embora o fôsse, o seu poder de transmissão decresceria d'um estado a outro, para cessar no da descamação.

N'este mesmo anno R. Foerster, faz uma communicação á Sociedade de Sciencias Naturaes e Medicas, em que emette uma opinião analogá á de Dumas.

O modo de vêr de Foerster, poder se-ha resumir da seguinte fórma :—Quando n'uma familia uma creança esteja contaminada e em con-

tacto com outras creanças são é raro que estas não sejam infectadas no 1.º ou no 2.º dia do periodo prodromico. O contagio data raramente do periodo de erupção ou d'um periodo posterior.

Em 1882 o Dr. Béclère apresenta se a demonstrar, baseando-se em 52 casos que teve occasião de observar, que o sarampo é contagioso desde o começo do periodo d'invasão e durante o da erupção e não alem d'este tempo.

No mesmo anno, M. Cadet de Gassicourt, publica um caso muito convincente do contagio durante o periodo prodromico.

Eis o caso :—Uma creança chega do collegio a casa de sua familia que habitava em Paris, com os prodromos do sarampo.

Ahi encontrou, alem de seus paes, sua irmã mais creança ainda, que se achava livre de toda a influencia morbillosa. Tendo sido chamado Cadet de Gassicourt declarou aos paes a urgente necessidade de retirar sua filha para Meudon, o que elles fizeram sem demora. No dia seguinte, pela tarde, 24 horas depois da partida de sua irmã, a erupção morbillosa apparece em seu filho. Oito dias depois a filha começava a ter corryza e lacrimação e 3 dias depois a erupção começava a mostrar-se na face.

O contacto entre estas duas creanças não pôde ter logar senão no periodo prodromico.

O Dr. Geschwind, que por occasião d'uma epidemia observada em Nevers em 1885, estudou cuidadosamente a transmissão do sarampo, affirma que esta se pôde fazer antes da erupção.

Chedevergne, tendo observado em Poitiers, em 1886-1887, uma epidemia de sarampo, concluiu de todos os casos de sarampo simples que pôde estudar, que o contagio parecia effectuar-

se desde o primeiro dia da doença, e com mais certeza do segundo e seguintes.

O Dr. Giron publica em 1887 o resultado de suas observações sobre 250 casos de sarampo. Em quasi todos estes casos, procurando a origem do mal, encontrou sempre como condições etiologicas um contacto mais ou menos prolongado com uma creança attingida de catarrho occulo-naso-pharyngeal do periodo d'invasão. Nota alem d'isso, nas familias onde se não faz o isolamento das creanças, e quando estas são attingidas successivamente, o seguinte: «les eruptions se suivent toujours à neuf ou dix jours d'intervalle, et non avec un intervalle variable comme cela devrait se produire si les 3^e, 4^e et 5^e cas etaient engendrés par une période quelconque des cas précédents».

Bard de Lyon relata uma epidemia de sarampo que observou no hospital de St-Pothin.

Esta epidemia deu 48 casos, sendo 43 contrahidos no hospital. A relação de Bard, diz: «sauf un enfant, qui a été contagionné par un morbillieux arrivé en pleine éruption dans le service, tous les enfants atteints ont été té contagionnés pendant la période prééruptive. En outre, entre enfant restés en contact pendant tout la période prééruptive (14 observations) la contagion a paru se faire, en défalquant le nombre de jours de l'incubation normale de la date d'éruption; dans ces cas les éruptions du contagionnant et du contagionné se succèdent à onze jours d'intervalle».

Todos os auctores, finalmente, declaram reconhecer que a contagiosidade do sarampo se manifesta sobretudo no periodo prodromico. Mas em que momento começará o poder contagiôso do periodo d'invasão?

M. Sevestre apresenta uma observação em que prova que o sarampo é contagioso somente desde a apparição dos primeiros symptomas.

Eis a observação:

Uma creança em incubação de sarampo assiste — terça-feira 25 de dezembro de 1888 — a uma reunião de creanças; n'esse mesmo dia de tarde apresenta fastio e queixa-se da cabeça e de fadiga; não quer comer e pede para deitar-se.

No dia seguinte — quarta-feira assiste a uma outra reunião de creanças. Sabbado 28 de dezembro M. Sevestre, foi mandado chamar e reconhece que esta creança estava com o começo d'uma erupção de sarampo. D'entre as creanças que tinham assistido á segunda reunião (á de quarta-feira) muitas foram atacadas de sarampo depois da duração habitual de incubação e enquanto que as creanças que assistiam á reunião de terça-feira nada soffreram á excepção de sua irmã que dormia no mesmo quarto que elle e que devia ser contagiada na noite de terça para quarta-feira.

D'esta observação resulta que a contagiosidade do sarampo se manifesta 3 dias antes da erupção e falta antes dos primeiros symptomas prodromicos.

M. Grancher vai mais longe pois que admite que o contagio se faz no primeiro momento d'invasão da doença, muitas vezes antes de todos os symptomas apparentes, antes mesmo da elevação thermica, que de ordinario falta no começo d'este periodo, de modo que o mal está feito quando o diagnostico é possível...

Bard, pôde observar um caso de contagio, com um só contacto, 3 dias antes da erupção.

Em que momento deixa de existir o poder contagioso do sarampo?

Julgou-se muito tempo que a transmissão do sarampo se fazia no periodo da descamação.

Panum poz em duvida o contagio durante o periodo de descamação e declarou não ter visto um unico caso elucidativo sobre o contagio n'este periodo.

Girard nega o contagio não somente no periodo de convalescença, mas mesmo durante o periodo eruptivo.

Foerster affirma que o periodo da transmissão do sarampo produz-se durante o estado prodromico e que nos periodos ulteriores o contagio é muito mais raro. Não observou senão o exemplo de contagio do quinto dia de erupção.

Béclère, concorda com Foerster e cita a observação seguinte: — «Nous avons vu souvent entrer dans la salle des enfants atteints de rougeole amenés pour une complication (diarrhée, broncho-pneumonie ou croup) chez qui l'éruption avait disparu depuis peu de temps et chez qui se voyait encore très nettement les maculles caractéristiques qu'elle laisse á sa suite; jamais vous n'avons vu l'entrée de ces enfants être suivie du développement de cas de rougeole dans la salle.»

E declara mais que em 72 observações não viu exemplo algum de contagio durante a convalescença. O sarampo, diz elle, não parece ser cantagioso alem do periodo de erupção e a duração do periodo de contagio não deve exceder 8 a 10 dias.

Sevestre concorda com Béclère e da mesma maneira declara tambem que nunca observou o contagio durante a convalescença.

Bard chega ás mesmas conclusões por isso que diz:— «dans notre épidémie nous n'avons observé aucun cas de contagion par ces conva-

lescents qui rentraient, sans désinfection préalable aucune, après le 14.^e jour de l'éruption au minimum.»

Todavia M. Darolles (de Provins), publica 3 factos de contagio morbillosos, durante o periodo da convalescença:

- 1.^o—Uma creança de Vilaines vai a Provins e visita um convalescente de sarampo e volta para Vilaines. Quinze dias depois tem o sarampo e contagia outras creanças da sua localidade.
- 2.^o—Uma creança de Sourdan vai a Thivaise onde se encontra com um rubeoloso no septimo dia de erupção. Regressa depois a Sourdan onde passados 14 dias de contacto, lhe apparecem os primeiros symptomas do sarampo.
- 3.^o—Um caixeiro viajante de 27 annos d'idade, atacado de sarampo, era tratado por M. Darolles, no hospital. 10 dias depois da erupção, não obstante contra a vontade de Darolles, sac. No dia seguinte visita varios estabelecimentos de Villers, St. Georges e de Courzivaize, onde não havia até então nenhum caso de sarampo. Quinze dias depois, dia a dia, começam a apparecer os primeiros symptomas de sarampo nos filhos dos negociantes, que anteriormente elle tinha visitado.

M. Darolles nota alem d'isso que o sarampo contrahido pelo contacto com um doente em descamação apresenta um periodo mais longo de incubação, o que parece indicar menor vitalidade

do germen morbifico. O contrario succede quando a transmissão se faz durante a erupção ou melhor durante a incubação.

G. Guinon, observou um caso egual no serviço de M. Grancher, em que o contagio foi dado por uma creança affectada por uma bronchite morbillosa e que entrava para o hospital 9 dias depois do começo da erupção.

Este caso levou Guinon ao seguinte modo de ver: «Bien que la plupart des complications paraissent tenir á des infections secondaires, il semble donc que le pouvoir contagieux persiste plus longtemps chez les enfants qui ont eu une complication».

Resumindo, podemos concluir o seguinte :

a) O sarampo é contagioso no começo de periodo de invasão antes mesmo da apparição de symptomas que permittam o diagnostico.

b) A contagiosidade do sarampo póde fazer-se até ao 5.º ou 6.º dia do periodo eruptivo.

c) A intensidade do poder contagioso do sarampo manifesta-se no periodo de invasão e especialmente nos tres dias que precedem a erupção.

II

PERIODO DA TRANSMISSÃO DO SARAMPO

A noção precisa do mechanismo da transmissão do germen morbillôso fornecendo-nos o conhecimento das medidas estrictamente applicaveis contra o contagio do sarampo dá-nos elementos valiosissimos para estudar os meios a empregar contra a diffusão d'esta doença. A' prophylaxia, portanto, este estudo interessa no maior grau, visto repousar no conhecimento exacto das leis que presidem á transmissão das doenças contagiosas.

Segundo a theoria admittida sob o modo de transmissão das doenças contagiosas o agente pathogenico pode ser transportado ou directamente por contacto real ou indirectamente por um intermediario animado ou inanimado. No emtanto, Sevestre admite a impureza da atmosphera que envolve o morbillosos e encara o contagio pelo ar ambiente como um modo directo de transmissão; mas M. Grancher sustenta que esta impureza resulta da dessiminação no ar das secreções contagiosas seccas e pulverulentas e

não vê no contagio pela via atmospherica senão um facto de contagio indirecto.

*

Estudaremos, quanto nos fôr possível o contagio directo por contacto e o indirecto, não esquecendo o contagio pelo ar.

a) *Contagio directo*

E' fóra de duvida que o contacto real com um morbillosos é o meio mais geral de transmissão do sarampo. Basta um contacto directo, embora rapido, para que o germen vehiculado pelas secreções catarrhaes passe sem nenhum intermediario ás pessoas que se approximarem do doente.

Janum, que seguiu passo a passo a propagação de uma epidemia, nota como predominante o contagio directo de pessoa para pessoa.

Girard affirma que um contacto só pode ser sufficiente para fazer nascer a doença. Em 108 casos que observou com extremo cuidado e de que procurava sempre a filiação, todos tiveram origem no contacto mais ou menos prolongado com um rubeoloso. Eis um caso citado por Girard: «Uma creança de 11 annos tem o sarampo. A mãe declara que ella não teve relações com nenhum rubeoloso; mas Girard, investigando bem, notou que essa creança 13 dias antes tinha tocado piano com uma pessoa que apresentava os primeiros signaes de sarampo». Bard,

de todas as suas observações, deduziu que no contagio directo se encontra a origem de todos os casos sem excepção. Os auctores que acabamos de citar admittem o contagio directo como o modo mais habitual do contagio morbillosos, mas parece-nos justo declarar que os casos que observaram são todos na sua clinica ou como Bard em aglomerações de creanças são onde os contactos são multiplos.—Se estudassem, porém o contagio nos hospitaes onde as creanças não deixam os leitos, não podendo, portanto, pôr-se em contacto directo com os morbillosos, o contagio immediato impor-se-lhe-ia como o meio mais frequente.

Assim o pensaram Béclère e Grancher por varias observações hospitalares.

Conciliando as duas opiniões julgamos: n'uma sala hospitalar, onde as creanças guardam os leitos e quando o contagio se mostra entre leitos muito affastados, o contagio directo é excepcional. Ao contrario, fóra dos hospitaes, pela multiplicidade e variedade extrema de contactos directos entre creanças são no mesmo meio, o contagio directo é certo.

b) *Transmissão por contagio indirecto*

O contagio indirecto é pouco frequente embora o germen rubeolico, vehiculado pelas secreções catharraes, se deposite com estas secreções, em tudo que se encontre em contacto com um doente atacado de sarampo. O que nos leva a este modo de ver não é por certo a multiplicidade de casos que tenhamos visto, mas sim o admittir-se que as secreções contagiosas do sa-

sarampo perdem rapidamente as suas propriedades virulentas.

A pouca resistencia do germen morbillososo foi affirmada já em 1876 por Fœrster e mais tarde por Bécclère, Kaposi, Sevestre e Bard.

Sevestre julga o germen rubeolico de tão pouca resistencia fóra do organismo que lhe dá apenas por periodo de virulencia 2 a 3 horas; e Bard julga absolutamente inuteis as medidas de desinfeccção no fim da doença.

No entanto o Dr. Eloy apresenta um caso de contagio que julga poder affirmar que foi contrahido n'um quarto onde 8 dias antes tinha morrido uma creança de sarampo.

Todavia sem querermos duvidar do modo de ver de Eloy notaremos que o sarampo em Paris, onde Eloy observou esse caso de contagio é endemico, as causas de contagio multiplas e as vias de transmissão as mais variadas.

A frequencia do contagio indirecto está evidentemente subordinada á força de vitalidade do germen morbillososo; portanto para que o contagio se dê é condição indispensavel que a transmissão do germen, pelos vestidos, objectos ou pessoas se faça immediatamente.

Assim: Fœrster diz que o contagio morbillososo é pouco resistente e que é raro que um medico ou uma pessoa não atacada sirva de vehiculo ao virus morbillososo; e Sevestre declara que, apesar do numero consideravel de rubeolosos que vê diariamente não tem levado o sarampo nem a seus filhos, nem a outros doentes. Todos os auctores, até aqui, são concordes na pouca frequencia do contagio indirecto. Ao encontro de todos elles apparece M. Grancher admittindo o modo indirecto como muito frequente. Para provar este modo de contagio cita um caso de con-

tagio pelo pessoal hospitalar; e outros pelo pessoal medico, pelo enfermeiro e pelo vestuario.

Finalmente o contagio indirecto faz-se pelas pessoas e objectos em contacto com um rubeoloso; mas attendendo á força de vitalidade do contagio morbillôso é necessario que o contacto intermediario entre o infectante e o infectado se succedam n'um curto intervallo. Assim: o contagio indirecto pode ser frequente nas salas dos hospitaes, de leito a leito.

c) *Transmissão pelo ar*

Outr'ora o modo de transmissão do agente contagioso pelo ar era considerado como a causa principal da propagação do sarampo. A extensão rapida das epidemias julgava-se que era então feita á custa do virus que impregnava o ar e portanto a visinhança d'um hospital de isolamento era considerado como perigoso.

Mas hoje todos os hygienistas concordam que o contagio a grande distancia não pode effectuar-se pela via atmospherica e que pode evitar-se pela antiseptia applicada ao doente e a todos os objectos que o rodeiam.

Rosen de Rosenstein nega o contagio pelo ar e diz que o germen morbillôso se communica pelos homens ou pelos objectos.

Panum egualmente nega a existencia do contagio aereo e vê no isolamento o meio mais seguro de impedir o desenvolvimento do mal.

Lancereaux concorda com o modo de vêr de Panum.

Béclère admitte a diffusibilidade do germen rubeolico na atmosphaera, mas crê que a sua dif-

fusão é muito limitada e não se estende além d'alguns metros. Appoia a sua opinião sob o seguinte facto que observou : algumas creanças resistiram muito tempo ao contagio embora a alguns metros de seus leitos estivessem morbillosos ; mas logo que um morbillôso foi para um leito mais proximo a erupção rubeolica, passados alguns dias, fez-se sentir.

M. Grancher affirma que o ar atmospherico não é senão excepcionalmente o vehiculo do germen contagioso.

Finalmente o contagio do sarampo pela via atmospherica não pode fazer-se senão n'uma zona muito restricta. E' um modo especial de transmissão indirecta e pode evitar-se pela antisepsia applicada ao doente e a todos os objectos que o rodeiam.

III

DURAÇÃO DA INCUBAÇÃO

Tendo de fallar da incubação do sarampo parece-nos rasoavel dizer o que entendemos por incubação.

Incubação é pois o periodo latente que vae desde o momento em que se produz o contacto infeccioso á apparição dos primeiros symptomas da invasão da doença.

O conhecimento d'este periodo e o da sua duração tem grande interesse sob o ponto de vista prophylactico: permite prevêr o adiantamento da invasão nos individuos que estiveram expostos á influencia contagiosa dos morbillosos e submetter estes individuos suspeitos já a uma vigilancia severa antes da epoca presumida do começo da doença.

Conhecer-se sempre se possivel fosse o começo d'esta affecção era de grande alcance, visto ahi começar a sua contagiosidade; mas esta doença em principio apresenta-se no maior numero de casos apenas caracterisada por mal estar, fraqueza e cephalalgia e assim passa igno-

rada até que brilhe a sua manifestação mais visível — a erupção.

Isolar um morbillôso depois da apparição do exanthema poderá valer muito, mas já não vale tudo.

Determinar a duração da incubação está pois muito longe de ser facil: o meio hospitalar, — por exemplo, não se presta a este estudo porque as creanças permanecem varios dias em relação com os doentes e portanto o momento em que se effectua o contacto morbifico o mais das vezes é desconhecido. E' preferivel antes recorrer a factos isolados nos quaes o contacto com o morbillôso seja unico e muito curto para que se não possa invocar outra causa de contagio.

E' a Panum a quem devemos as primeiras pesquisas sobre a incubação do sarampo:

O sarampo foi importado para as ilhas de Ferroë, onde não existia desde 1781 por um operario que tinha partido de Copenhague a 20 de março de 1846 e que chegou a 28 perfeitamente bom. A 1 d'abril adocece e 14 dias depois, dois dos seus amigos mais intimos apresentam os primeiros symptomas.

A 4 de junho dez homens de Tjernevig tomam parte n'uma grande pesca com os habitantes d'uma povoação infectada: a 18 todos estavam affectados de sarampo, depois de 2 a 4 dias de prodromos. 12 a 16 dias depois da apparição do exanthema nos dez individuos, quasi toda a população de Tjernevig estava sob a acção da erupção.

Estes factos levaram Panum a julgar que o sarampo apresentava uma incubação media de 13 a 14 dias até á erupção.

Diz elle. «Je recuillis dès lors dans 52 localités les noms des personnes qui avaient été

les premières affectées de rougeole, la date de l'éruption, la date de l'invasion chez les habitants aux quels s'était communiquée la maladie .. Partout les faits confirmèrent ma première supposition: nulle part, je ne rencontraï une exception à la règle».

Para Panum é lei constante que a erupção apparece 13 a 14 dias depois da infecção.

Mayr—dá ao periodo de incubação uma duração quasi igual e apresenta para comprovar o seu modo de vêr o seguinte: o apparecimento d'uma erupção rubeolica n'uma creança 15 dias depois de um só contacto e duas inoculações feitas com mucus nasal que determinaram uma erupção de sarampo 13 dias depois da infecção.

Girard diz que a duração da incubação no sarampo é de 13 dias. Appoia a sua opinião sobre o facto de 9 creanças serem contagiadas no mesmo dia e pelo mesmo morbillôso e apresentarem ao mesmo tempo esta doença 13 dias depois do contacto infeccioso.

Tanto Girard como Panum contam a incubação até á erupção.

Em 1869 Girard, appoiando-se em 108 casos que observou cuidadosamente a partir do contacto morbifico notou o seguinte:

Que em 3 casos—a erupção levou a ap-	
parecer	16 dias
Idem em 5 casos	13 dias
Idem em 100 casos	14 dias

E concluiu que o espaço que medeia entre a incubação e a erupção é de 13 a 16, mas na maioria dos casos de 14 dias.

Dumas, de todos os casos por elle observa-

dos tirou conclusões eguaes ás de Panum e Girard.

Lancereaux fez notar que a duração da incubação varia, pois que as creanças contagiadas na mesma occasião não apresentam em periodo de tempo igual a erupção rubeolica.

Eis duas das suas observações :

a) — De duas creanças contagiadas na mesma noite, uma apresenta a erupção no 12.º dia, outra no 14.º dia.

b) — De duas creanças contagiadas na mesma occasião a erupção apparece n'uma 13 dias e n'outra 15 depois do contacto.

Foerster em 135 observações encontrou 14 dias e muitas vezes 13 e meio dias de incubação até á erupção.

Béclère observou 38 casos em que por vezes pôde notar o começo do contacto morbigeno e o começo da erupção.

E viu por essas observações o seguinte:

Em 20 casos a erupção apparecer ao 12.º, 13.º ou 14.º dia do contacto.

Em 13 casos a erupção apparecer ao 15.º dia do contacto.

Em 4 casos a erupção apparecer ao 16.º dia do contacto.

Em 1 caso a erupção apparecer ao 19.º dia do contacto.

E concluiu que o tempo que decorre entre o momento da penetração do contagio e o começo da erupção tem uma duração que não varia senão em limites muito estreitos que são o mais das vezes de 13 a 15 dias e excepcionalmente 1 ou 2 dias mais tarde.

Alem d'isso diz que a co-existencia d'um estado pathologico qualquer não altera a duração da incubação.

M. Sevestre relata a observação seguinte:

A 10 de fevereiro de 1886 fui chamado para tratar uma creança que tossia desde sabbado e que na quarta-feira 11 de fevereiro apresentava o começo d'uma erupção de sarampo. Esta creança tinha passado na tarde de domingo 8 de fevereiro 2 horas com outras creanças entre as quaes se encontrava uma minha filha de idade de 6 annos. Logo que a 11 de fevereiro vi o começo do sarampo n'outra creança, comecei a vigiar attentamente minha filha. Até 17 a temperatura permaneceu normal, mas pelas 2 horas da tarde foi tomada bruscamente de mal estar e pedia para deitar-se. A 20 de noite teve alguns espirros e tosse e a 21 depois do meio dia, a erupção começava pela face e pescoço.

N'esta observação a pouca duração do contacto infeccioso e a brusca apparição dos symptomas de invasão, permitem calcular precisamente o periodo latente de incubação que foi de 9 dias e a duração de incubação do exanthema, que foi de 13 dias.

M. Leroux, n'uma nota sob a incubação do sarampo cita 3 factos de incubação prolongada:

a) — Em 1887 o sarampo declarou-se n'uma familia e ataca o creado e uma creança de 10 annos. O irmão, de 7 annos é mandado immediatamente para uma casa de campo isolada de toda a habitação. 20 dias depois da sua partida, uma erupção de sarampo apparece.

Por este facto, somos obrigados a admittir uma incubação de 20 dias, visto esta creança estar rigorosamente isolada. Como faz notar Leroux, sómente a correspondencia trocada entre

esta creança e sua familia podia ser incriminada, mas esta explicação não é plausivel.

b) — Uma creança, filha unica, atacada de es-carlatina, deixa o collegio a 28 de março e apresenta 18 dias depois uma erupção de sarampo.

M. Leroux, suppõe que foi infeccionada antes de 28 de março. A origem do contagio não foi descoberta, mas é provavel que o sarampo lhe fosse transmittido pelo medico ou qualquer outro intermediario.

c) — A creança que faz objecto da 3.^a observação de Leroux apresenta uma incubação de 20 dias até á erupção.

Giron observou 250 casos de sarampo sob o ponto de vista do contagio e notou sempre uma incubação verdadeira de 9 a 10 dias.

Gillet em 1890 publicou um facto em que a data do contagio é exacta.

N'este facto a apparição da erupção levou 13 a 14 dias.

Bard conclue de todas as suas observações, que o periodo de incubação, contado da infecção á erupção - é de 13 a 14 dias na maioria dos casos, mas que pode abaixar excepcionalmente a 12 e elevar-se a 18 e talvez a 21 nos casos de receptibilidade enfraquecida por um ataque anterior. Estas conclusões assentam sobre duas series de factos.

Na primeira, que comprehende 11 casos, o contacto não excedeu 24 horas e o tempo que mediou entre este e a erupção foi:

Em 2 casos.		de 12 dias
Em 6 casos.		de 13 dias
Em 3 casos.		de 14 dias

Na segunda que comprehende 24 casos, os contactos foram mais prolongados e o tempo que medeiou entre este e a erupção, sobretudo em 4 casos, foi:

Em 2 casos.	de 15 dias
Em 1 caso	de 16 dias
Em 1 caso	de 18 dias

Finalmente o periodo que vae da incubação á erupção na maioria dos casos é de 13 a 14 dias e algumas vezes de 15. Mas para as pessoas cuja receptibilidade esteja enfraquecida por um ataque anterior ou que possuam pela sua idade uma immundade relativa e incompleta, creemos que possa subir a 18 e 20 dias.

PROPOSIÇÕES

Anatomia — As phalanges do pollegar e do dedo grande do pé são tres e não duas como descrevem os auctores classicos.

Physiologia — O sangue é por si incoagulavel.

Anatomia pathologica — A diapedese tem duas origens: uma phisiologica outra pathologica.

Materia medica — Nem sempre se deve empregar a belladona na incontinençia de urina.

Pathologia geral — As grandes ceias explicam o aggravamento das doença pulmonares durante a noite.

Pathologia interna — O apparecimento do exanthema é condição indispensavel para a boa diagnose do sarampo.

Pathologia externa — Deve fazer-se a intervençãõ immediata nas feridas do joelho por armas de fogo.

Operações — Em presença de um glaucoma opto pela sclerotomia.

Partos — Prefiro o forceps á versãõ nos casos m que é permittida a escolha.

Hygiene — Reprovo a frequencia dos cafés.

Visto

M. Lemos.

Pode imprimir-se

Dr. Souza.

Servindo de Director.